



A dança contemporânea italiana: os anos dois mil

A dança contemporânea italiana dos anos dois mil assiste à coabitação de várias gerações de artistas: desde aqueles que contribuíram, tal como em França e em outros países europeus, para o nascimento daquilo a que se chama «nova dança» há trinta anos, aos jovens de vinte anos que se deparam com as suas primeiras experiências criativas.

Em Itália, a dança contemporânea nunca beneficiou de verdadeiros projetos políticos e culturais e, salvo exceção, os coreógrafos nunca viram abrir-se as portas dos teatros institucionais.

Apesar disso, o panorama atual é vivaz e diversificado, não apenas do ponto de vista das gerações presentes, mas também no que diz respeito às diversidades dos formatos, das práticas e dos processos de criação.

Estes artistas tão diferentes têm em comum uma forte identidade de autores. O coreógrafo contemporâneo é um autor que comunica uma visão do mundo perfeitamente pessoal. Para isso, não é feita referência a um estilo único e não usa uma única técnica de movimento, mas utiliza linguagens corporais mais variadas e fá-las dialogar com outras formas de expressão artística.

Este Tema tem por objetivo fornecer alguns exemplos desta situação extremamente dinâmica.

1. Os precursores

Os primeiros sinais de uma maneira inédita de representar o corpo em movimento surgem em Itália no início dos anos oitenta, quando os grupos de teatro pós-vanguarda colocam em questão a ditadura do texto, exploram horizontalmente todos os elementos do palco – corpo, som, imagem – e conferem ao gesto um lugar cada vez mais central. O diálogo assim implementado entre teatro e dança é rico em influências recíprocas.

A Gaia Scienza («A Gaia Ciência», com Giorgio Barberio Corsetti), Falso Movimento («Falso movimento», com Mario Martone), Magazzini Criminali («Lojas criminosas», com Federico Tiezzi) constituem algumas das trupes teatrais em atividade nessa altura, que assiste, assim, aos primeiros passos de coreógrafos como Enzo Cosimi, Virgilio Sieni ou o grupo Sosta Palmizi, composto por Michele Abbondanza, Francesca Bertolli, Roberto Castello, Roberto Cocconi, Raffaella Giordano e Giorgio Rossi, que partilharam uma experiência formadora determinante com Carolyn Carlson.

Coreógrafos e encenadores partilham o mesmo entusiasmo com a dança pós-moderna americana. Interessam-se pelas artes marciais vindas do Oriente, acompanham os espetáculos de Pina Bausch e Merce Cunningham que surgem em Itália e são ávidos por cinema de autor e experiências teatrais radicais de mestres como Peter Brook, Bob Wilson ou Eugenio Barba.



Virgilio Sieni – *In ascolto* e *La natura delle cose*

Alguns destes pioneiros estão hoje no auge do seu percurso criativo. **Virgilio Sieni** (Florença, 1958) fundou em 2007 a Accademia sull'Arte del gesto («Academia da arte do gesto»), graças à qual implica pessoas com idades e perfis diferentes (seniores, artesãos, invisuais, mães e crianças...) numa busca centrada na arte do gesto ligada à memória e à vivência de cada um. Atribui um valor primordial à transmissão do repertório contemporâneo, como o demonstra ***In ascolto*, 2012**. Esta coreografia, nascida no âmbito do projeto «**Cerbiatti del nostro futuro**» destina-se a jovens bailarinos com idades entre os 10 e os 13 anos.

Este percurso introduziu igualmente perspectivas inéditas no trabalho de Sieni com a sua companhia de bailarinos profissionais. Em ***La natura delle cose*** (2008), inspirada pelo poema *De rerum natura* de Lucrecio, Vénus atravessa três idades: tem primeiro onze anos, depois criança de dois anos e por fim uma pessoa idosa. Na primeira cena, a leveza e o encantamento divino de que fala o filósofo são representados pela dança de quatro intérpretes masculinos, que, formando um único e mesmo corpo, apoiam a deusa de tal forma que esta nunca toca no chão.

Sosta Palmizi / Raffaella Giordano – *Quore. Per un lavoro in divenire*

Após uma etapa inicial de criação coletiva, os antigos membros do grupo **Sosta Palmi** continuaram, eles também, a sua busca individual.

Em 1999, **Raffaella Giordano** (Turim, 1961) apresenta um trabalho que marca uma rutura relativamente às modalidades de criação da década anterior. Desde o seu ***título Quore. Per un lavoro in divenire***, este espetáculo propõe partilhar uma experiência humana em curso («*in divenire*») oferecida ao público com uma ingenuidade quase infantil (a palavra *cuore*/coração é ortografada de forma incorreta, com um Q). A música *pop*, banda sonora do nosso dia-a-dia, amplia as emoções; os conceitos tradicionais de «coreografia», de «virtuosidade», de «beleza» e de «representação» são rebentados. Os corpos vivos dos bailarinos, sem piedade iluminados por iluminações fixas, renunciam à pureza técnica e formal para se exporem com todas as suas imperfeições, como presenças nuas.

Esta dimensão performativa anuncia uma prática deveras comum durante os anos dois mil. A dança torna-se um tipo de laboratório no qual se reúnem todas as outras formas de arte da cena: teatro, *performance*, música e encenação.

2. A criatividade caso a caso

Os grupos nascidos durante os anos noventa não se expressam em nome da sua geração, uma tendência característica de numerosas experiências anteriores do teatro dançado italiano. Preferem o processo ao produto. A criatividade caso a caso vence: trata-se de



partir de uma ideia e redefinir sistematicamente qual é o método adaptado para a sua implementação. O corpo é igualmente reinventado a cada nova criação e o palco constitui o local onde realizar estas transformações.

Kinkaleri - <otto>

Kinkaleri, um «reagrupamento de formatos e de meios em suspenso numa tentativa», dá os seus primeiros passos em Florença em 1995. Assim, não se trata de uma companhia, nem de uma «família», um conceito comunitário caro aos artistas dos anos oitenta, mas de uma circunstância em que se encontram vários elementos. Usam espetáculos de teatro, mas também instalações, incursões urbanas ou num determinado local. Utilizam de forma indistinta a improvisação e certos códigos do ballet, da música disco dos anos setenta e do hip-hop. Numa palavra, são inclassificáveis. **<otto> (2003)** é um dispositivo cénico que assenta na repetição de algumas ações simples, como um corpo que cai ao chão e que aí permanece durante um determinado tempo: um corpo-cadáver que se torna objeto, entre outros, no palco. Vazio no início, o espaço de representação assiste à chegada de uma série de detritos num silêncio quase total. O público ouve unicamente o eco longínquo de uma canção difundida no *walkman* usado pela bailarina que veio efetuar algumas breves séries de movimentos.

Michele Di Stefano - Robinson

Michele Di Stefano (Milão, 1963), Leão de Prata em 2014 na Bienal de Dança de Veneza, forma-se também fora das escolas canónicas. Em 1997, funda o grupo Mk, que reúne personalidades de variados percursos. Cantor num grupo de música *new wave* durante os anos oitenta, Di Stefano interessa-se pelo corpo em movimento procurando o impacto qualitativo de um concerto. Os seus trabalhos, concebidos para o teatro e outros espaços, exploram as intersecções entre coreografia, busca sonora e *performance*. Colabora com artistas plásticos e compositores, mas também com outros coreógrafos italianos (Alessandro Sciarroni, Cristina Rizzo) e com bailarinos oriundos de universos bastante afastados do seu (William Forsythe Company). **Robinson (2014)** utiliza certos mecanismos do ballet para dar a vida a uma sequência obtida por acumulação e implementação através de corpos bastante diferentes, estética e tecnicamente. A tensão obtida nasce justamente destas diferenças, que a linguagem comum não uniformiza, mas sublinha.

Alessandro Sciarroni - Folk-s

Alessandro Sciarroni (San Benedetto del Tronto, 1976) é oriundo das artes plásticas e do teatro. Os seus espetáculos tentam trazer uma resposta a interrogações específicas como no caso de **Folk-s (2012)**. «Até quando sobreviverá o Schuhplattler, a célebre dança tradicional do Tirol do Sul?», pergunta o autor. A resposta, enunciada no início do



espetáculo por um dos artistas: «Continuaremos enquanto houver pelo menos um espectador na plateia ou um bailarino em cena; aqueles que deixam a plateia ou esta cena não poderão voltar.» Fora do seu contexto de origem, desprovido dos figurinos típicos e do acompanhamento musical tradicional da Baviera, o baile popular transforma-se numa prática de performance confiada à valente execução de seis bailarinos. Uma proa de resistência física individual, mas também uma fulgurante e rigorosa construção coreográfica.

3. Da Itália à Europa

A Itália nunca beneficiou de projetos políticos e culturais coerentes no âmbito da dança contemporânea. Salvo raras exceções, os coreógrafos nunca tiveram acesso aos teatros institucionais. Alguns conseguem obter financiamentos públicos, realizam espetáculos em alguns teatros que fazem prova de uma certa sensibilidade para com a dança, partem em representação ao estrangeiro e exploram a visibilidade dos festivais e das plataformas próprias do setor.

Em parte, trata-se de preencher a falta de projetos de formação institucional que a maioria dos coreógrafos dos anos oitenta e noventa sempre ensinou, adotando um papel determinante na transmissão das linguagens. Alguns de entre eles apoiaram igualmente novas criações, favorecendo, dentro das suas companhias, o crescimento e a visibilidade de jovens e prometedores talentos.

Ambra Senatore - *John*

A associação Aldes de Roberto Castello (antigo membro da Sosta Palmizi) viu nascer, por exemplo, os primeiros solos de **Ambra Senatore** (Turim, 1976), atenta observadora das relações humanas de olhar ligeiro e irónico. Nos seus espetáculos de grupo, os intérpretes constroem uma dramaturgia que vai da palavra ao gesto diário, passando pela partição coreográfica. Em paralelo, encontram-se num estado de deslize contínuo da realidade de «pessoas que dançam» para a ficção da representação. Em ***John (2012)***, o ritmo e as regras do espetáculo são ditadas pelo movimento de certos objetos: pássaros mecânicos, peões, carrinhos, robôs. Os espectadores, convidados a responder a questões simples ou a acionar mecanismos, determinam parcialmente, através das suas respostas, os eventos que se produzem em cena.

Marina Giovannini - *Meditation on Beauty*

Marina Giovannini (Florença, 1971) militou muito tempo na companhia de Virgilio Sieni. Com ***Meditation on Beauty (2013)***, estuda o conceito de beleza através da inteligência do corpo feminino. Este corpo revela a sua fragilidade, mas igualmente a sua potência, na sua relação com o dispositivo cénico extremamente simples: três paralelepípedos em madeira sobre os quais Giovannini explora a sua capacidade de



adaptação, a sua precariedade e o seu equilíbrio. O segundo quadro é uma dança circular em que os três intérpretes, apoiando-se mutuamente, parecem querer suportar o peso do mundo nas suas cabeças.

As formas de composição «ágeis», como o solo e o duo, são muito numerosas na cena italiana. Esta escolha é, muitas vezes, ditada pela urgência criativa vivida pelos artistas nas suas primeiras tentativas de composição. Neste caso, trabalhar sobre si é a forma mais direta de se colocar em prova. O monólogo de dança, no entanto, poderá tornar-se uma estratégia de sobrevivência: conceber espetáculos de baixo custo, tanto em termos de «capital humano» como do ponto de vista da simplicidade da encenação, permite transportá-los facilmente e adaptá-los a qualquer espaço minimizando, ao mesmo tempo, os custos técnicos.

No recente contexto italiano, que assiste a consideráveis reduções orçamentais no âmbito da cultura, os mais jovens artistas optam frequentemente pela autoprodução e intervêm em espaços culturais independentes, como os centros sociais. Trata-se da única possibilidade de se medir quanto ao público sem custos de aluguer ou inerentes ao respeito das normas legais e dos direitos de autor.

No entanto, relativamente aos seus predecessores, os jovens coreógrafos italianos estão hoje menos isolados e têm mais oportunidades para se medirem quanto aos seus colegas europeus. O trabalho em rede implementado em alguns centros de criação de artes performativas, como a Centrale Fies di Dro (Trentino-Alto-Ádige) ou o Centro per la Scena Contemporanea (CSC) de Bassano del Grappa (Véneto), permite aos coreógrafos italianos participarem em projetos internacionais de formação ou de produção.

Dewey Dell - *à elle vide*

O projeto Fies Factory, por exemplo, inclui a **Dewey Dell**, uma companhia fundada em 2007 por quatro jovens na casa dos vinte anos: Teodora Castellucci, a irmã Agata, o irmão Demetrio (descendentes por filiação direta de um grupo de teatro «histórico», a Societàs Raffaello Sanzio) e Eugenio Resta. O seu primeiro trabalho, ***à elle vide (2007)***, faz emergir duas personagens do negro absoluto da cena: um galo e um escorpião parecem saídos de um desenho animado. O galo vermelho tem movimentos irregulares enquanto o escorpião branco tem uma atitude elegante e altiva. Nos seus trabalhos mais recentes, a companhia continuou a inspirar-se no mundo da banda desenhada. Chegou a conceber corpos «insufláveis» em Marzo («Março», 2013), realizado com a cumplicidade do artista plástico japonês Yuichi Yokoyama.

4. Dança contemporânea e repertório



Atualmente, o conceito de «contemporâneo» já não se limita apenas aos termos «novo», «recente» ou «original». O artista pode decidir utilizar ou não as técnicas mais virtuosas, do ballet ao malabarismo do circo. Pode decidir se irá estruturar o seu espetáculo do ponto de vista da coreografia ou apresentar fragmentos ao público num processo «em curso». Pode colaborar com músicos, arquitetos, engenheiros de som, *designers* de luz ou simplesmente colocar-se num espaço vazio.

Michela Lucenti - *Il sacro della primavera*

Vários coreógrafos regressam, de forma totalmente livre e inédita, às raízes da modernidade. É o caso de **Michela Lucenti** (La Spezia, 1971), que propõe um teatro completo com grande tendência ética. Não é por acaso que a sua companhia se chama **Balletto civile** (ballet civil). Em *Il sacro della primavera* (*Le Sacre du printemps*) (2011), um «clássico» do século XX, como a interpretação de Nijinski (1913), torna-se uma reflexão política contemporânea. O ritual original do sacrifício de uma jovem virgem é encarado aqui como uma metáfora da condição dos jovens artistas da dança italiana: uma geração cansada de esperar, esmagada entre as exigências do mercado, que reclama sempre da novidade, e a consciência de que os seus antecessores já fizeram tudo. A mistura entre frustração e energia reprimida manifesta-se nas repetidas quedas dos corpos, literalmente atirados em cena, nas alterações frenéticas de roupas e na agressão à partitura de Stravinski, continuamente violada pelas incursões sonoras de um DJ, gritos e fragmentos de conversas entre artistas.

Enzo Cosimi - *Calore*

Mesmo o termo «repertório», sinónimo de «velho» e «poeirento» durante os anos 1980, encontrou um novo sentido na dança contemporânea. Como acontece em outros países, surgiram iniciativas em Itália para recuperar e valorizar a coreografia de autor: uma forma de dar a conhecer às gerações mais jovens de dançarinos e espetadores as produções do passado recente. O projeto RIC.CI (Reconstruction Italian Contemporary Choreography – anos 1980 e 1990), criado e dirigido pela crítica Marinella Guatterini, permitiu redescobrir obras importantes como *La boule de neige* de Fabrizio Monteverde (1985/2013), *Terramara* (1991/2013) de Michele Abbondanza e Antonella Bertoni e ***Calore***, uma peça de culto que, em 1982, catapultou **Enzo Cosimi** (Roma, 1958), acabado de chegar de Nova Iorque, para o coração do panorama teatral da Roma pós-*avant-garde*. ***Calore*** tinha a euforia da descoberta do sexo e um gosto irreverente pelo excesso, mas também a ingenuidade, a ironia e os trocadilhos que evoluía livremente no interior e no exterior dos códigos, misturando citações de baixo e alto nível de linguagem. Em 2012, a reconstrução do espetáculo com quatro jovens interpretes permitiu recuperar intacta a atmosfera de raiva e de furor do início.



Não se trata, portanto, de uma experiência «arqueológica», mas uma ocasião para refletir, em retrospectiva, sobre a dívida mais ou menos consciente que diversas experiências cénicas atualmente a decorrer em Itália têm perante as suas antecessoras.



Ir mais longe :

ACCA, Fabio, LANTERI, Jacopo. *Cantieri Extralarge. Quindici anni di danza d'autore in Italia 1995-2010*. Rome : Editoria & Spettacolo, 2011. 208 p. (Spaesamenti).

AGAMBEN, Giorgio. *Che cos'è il contemporaneo ?* Rome : Nottetempo, 2008. 28 p. (I sassi).

AGAMBEN, Giorgio, Lucrezi. « Appunti per una drammaturgia », in *La natura delle cose di Virgilio Sieni*, Firenze, Maschietto Editore, 2011, 40 p. (Il gesto).

CAROSI, Massimo. *Movimenti urbani : la danza nei luoghi del quotidiano in Italia*. Rome : Editoria & spettacolo, 2011. 152 p.

D'ADAMO, A. *Spazi per la danza contemporanea*. Rome : Editoria & spettacolo, 2009. 192 p.

DI BERNARDI, Vito. *Virgilio Sieni*. Palermo : L'Epos, Palermo, 2011. 87 p.

DI STEFANO, Michele, MORGANTIN, Margherita. *Agenti autonomi e sistemi multiagente*. Macerata : Quodlibet, 2012. 96 p.

FANTI, Silvia. *Corpo sottile : lo sguardo sulla nuova coreografia europea*. Milan : Ubulibri, 2003. 269 p.

GRAZIANI, Graziano. *Hic sunt leones : Scena indipendente romana*. Rome : Editoria & spettacolo, 2007. 368 p. (Spaesamenti).

GUATTERINI, Marinella. *L'ABC della danza : la storia, le tecniche, i capolavori, i grandi coreografi della scena moderna e contemporanea*. Milan : Mondadori Electa, 2008. 192 p. (Illustrati. Guide cultura).

KINKALERI. *2001-2008 : la scena esausta*. Milan : Ubulibri, 2008. 191 p. (I libri quadrati).

PONTREMOLI, Alessandro. *Drammaturgia della danza : percorsi coreografici del secondo Novecento*. Firenze: Euresis, 1997. 170 p.

PONTREMOLI, Alessandro. « Danzare l'incarnazione : note sullo spettacolo Quore. Per un lavoro in divenire di Raffaella Giordano », in FIASCHINI, F., *La lotta di Giacobbe : Inquietudini della fede nella scena contemporanea*, Pise, Titivillus, 2013, 152 p.

PROVVEDINI, Claudia. *Le parole del corpo : il teatro fisico di Michela Lucenti/Balletto*



Civile. Pise : Titivillus, 2012. 112 p. (Altre visioni).

SENATORE, Ambra. La danza d'autore. Vent'anni di danza contemporanea in Italia. Turin : UTET Università, 2007. 225 p.

SIENI, Virgilio. *Trois Agoras Marseille : l'art du geste dans la Méditerranée*. Firenze : Maschietto Editore, 2013. 144 p. (Il gesto).

TOMASSINI, Stefano. *Enzo Cosimi : Gruppo Occhèsc, Compagnia di danza Enzo Cosimi*. Arezzo, Toscane : Zona, 2002. 144 p.

Créditos :

Seleções dos extratos

Ada d'Adamo

Texto e sugestões bibliográficas

Ada d'Adamo

Produção

Maison de la Danse

Biografia do autor :

Ada d'Adamo é uma pesquisadora italiana independente. Ela escreveu e editou volumes sobre dança e teatro do século XX, incluindo as monografias *Danzare il rito* (Bulzoni, 1999) e *Mats Ek (L'Epos, 2002)* e a entrevista *Emio Greco | (The Epos, 2004)*.

O Parcours "A Dança contemporânea italiana: os anos dois mil" pode ver o dia - graças ao apoio da Secrétariat général du Ministère de la Culture et de la Communication - Service de la coordination des politiques culturelles et de l'innovation (SCPCI - Secretaria Geral do Ministério da Cultura e da Comunicação: Serviço de Coordenação das Políticas Culturais e da Inovação)